

PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO FEMININA VEICULADAS PELA REVISTA RENOVAÇÃO, EM SERGIPE, NO INÍCIO DA DÉCADA DE 30.

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas¹

Apresentação

O presente estudo pretende analisar as propostas de educação feminina veiculadas pela Revista Renovação, editada em Aracaju entre 1931 e 1934, e compõe a pesquisa realizada para a Tese de Doutoramento (em andamento), que tem como tema central: a escolarização da mulher sergipana na Primeira República.

A Renovação é uma revista cultural-literária, dirigida pela Dra. Maria Rita Soares de Andrade, e tem como objetivos, anunciados em seu primeiro editorial: “*educar o povo para o culto ao talento e ao trabalho; instruir o povo no incentivo aos surtos de inteligência, às revelações de capacidades; convencer o povo de que escrever si é a mais bela das artes é, ainda a mais agradável e útil das distrações; de que a leitura enleia ao leitor e muito mais a quem se sabe lido por um grande público.*” (ANDRADE, Maria Rita S. Apresentando. *Renovação, Ano I, n. 1, p. janeiro de 1931*)

O ciclo de vida da Renovação pode ser dividido em três fases distintas, tomando como base o critério da periodicidade, a primeira na qual a revista era quinzenal (de janeiro de 1931 a abril de 1932 – 27 números), a segunda quando a revista era editada mensalmente (de maio a outubro de 1932 – 6 números) e a terceira quando ocorre o “ressurgimento” da revista, em 1934, com periodicidade mensal (fevereiro a agosto de 1934 – 6 números até agora localizados). As propostas de educação feminina emancipatórias são mais expressivas no primeiro período, apesar de aparecerem de forma mais atenuada nos outros dois momentos, entretanto não se encontram dissociadas dos papéis tradicionalmente reservados à mulher, como boa esposa, mãe dedicada e dona-de-casa exemplar.

As propostas educativas divulgadas pela Revista – para homens e mulheres - não estão dissociadas das perspectivas liberais que se consolidaram na Primeira República.

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe- membro do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação de Sergipe - Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação/ UFS – HISTEDBR/UNICAMP- Realizando o Curso de Doutorado em Educação na Faculdade de Educação/UNICAMP – Sob a orientação da Profa. Dra. Zeila de Brito Demartini.

Como assinala VALLE (1997:21), a República apresenta a “*valorização política do ação educacional*, na medida em que *o projeto democrático burguês acarreta exigências que vão além da simples vitória legal e da mera imposição de uma nova forma jurídica do social*”. Com a República seria necessário criar a nação e os seus cidadãos. Um dos vértices desta construção residiria na intervenção “*sobre o imaginário social da Nação, que cumpria recriar a partir dos valores republicanos*”. A escola então, seria chamada a construir o “*ethos liberal*”, enquanto formação moral para o progresso, o que implicava a sedimentação de valores que instituíssem a aceitação de uma sociedade que admitisse, como natural:

- a) a existência das desigualdades materiais enquanto decorrência das diferenças intelectuais entre os indivíduos,
- b) a similitude entre organização social e corpo social (em referência à biologia), onde a cada membro da comunidade caberia uma função específica,
- c) o sentimento de *pertencimento* à comunidade a partir de uma identificação histórica e geográfica e
- d) a instrução formal como condição para a atribuição de competência para a participação da vida política, enquanto capacidade de discernimento entre o bem e o mal.

As primeiras décadas da República são marcadas pelo início da modernização econômica e cultural brasileira, as cidades – principalmente as capitais, constroem novos espaços de sociabilidade, como os cafés, os cinemas, os bailes populares, entre outros, a imprensa marca presença quer através dos jornais diários ou mesmo das revistas ilustradas, e da imprensa especializada (pedagógica, feminina e feminista, entre outros).

A Revolução de 30, também marca as expectativas educacionais presentes na Revista Renovação, Maria Rita Soares de Andrade ressalta em vários editoriais, as esperanças que o “novo regime” se preocupe com a educação do povo. Em alguns momentos, as páginas de Renovação parecem reeditar o “otimismo pedagógico” e o “entusiasmo pela educação” (VALLE, 1997), conclamando a todos a se engajarem em campanhas educativas e construindo expectativas de mudanças políticas através do processo educativo.

Segundo BORGES (1998:160) na década de 30, a “*história política brasileira foi marcada por forte instabilidade e vivo debate*”, e também por rupturas representadas pela

Revolução de 30 e pela decretação do Estado Novo (1937). No entanto, as questões e os problemas estruturais,

“aparecem ainda como os mesmos e por vezes as mesmas soluções são apresentadas que de certa forma também propiciaria uma visão de continuidade: a questão da República, do fim do liberalismo, que aos poucos se transmuta na questão da democracia-não-democracia, da ditadura militar e do desprestígio da política, a questão nacional, a questão da federação, do regionalismo, a industrialização, a reforma agrária, a busca de um caráter (depois da identidade nacional). Todas essas questões e problemas nos anos 30, parecem se agrupar em, torno da idéia de uma ruptura revolucionária”. (BORGES, 1998:160)

Ao analisarmos a Revista Renovação é possível perceber como as questões sociais e culturais são marcadas pelas tentativas de ruptura e continuidade engendradas no início da década de 30. No tocante à educação feminina, a luta por maior participação política e social, a ampliação da escolaridade e garantia de profissionalização das mulheres ainda é construída a partir dos papéis tradicionalmente impostos.

A Revista Renovação e as propostas de educação feminina: características gerais

A educação feminina é entendida, neste estudo, como processo de formação amplo que abrange desde a escolaridade propriamente dita à formação cultural adquirida através dos contatos sociais construídos pelas mulheres e para as mulheres. Pretende-se investigar as representações e os valores tocante a educação feminina propostos nos textos veiculados na Revista Renovação, publicada em Sergipe entre 1931 e 1934, dirigida e editada por Maria Rita Soares de Andrade, primeira advogada de Sergipe e primeira juíza federal do Brasil.²

Entre os seus principais colaboradores figuram escritores e poetas sergipanos assim como poetisas e escritoras, seus editoriais geralmente defendiam a ampliação da participação das mulheres nos espaços públicos. A participação feminina ocorria através da

² Segundo SCHUMAHER (2000:409), Maria Rita Soares de Andrade nasceu em Aracaju em 1904 e faleceu no Rio de Janeiro em 1998. Formou-se em Direito na Universidade Federal da Bahia em 1926, sendo a única mulher da turma e a terceira a se formar em advocacia naquele estado. Trabalhou em Aracaju, na Procuradoria-Geral de Sergipe. Se destacou na luta em defesa dos direitos das mulheres ao lado de outras líderes do movimento feminista, entre elas Bertha Lutz (FBPF) e a Carmem Portinho (UUF). Dirigiu a Revista Renovação entre 1931-1934. Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, foi a primeira mulher a integrar o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, em 1967 tornou-se a primeira juíza federal do Brasil, exercendo a magistratura no estado da Guanabara até se aposentar em 1974. Mais informações consultar também PINA (1994:359-370).

publicação de poemas, cartas e pequenas crônicas. As ações de benemerência, os espetáculos e os concursos literários promovidos pela própria Revista ou pela Escola Normal, também permitiam a visibilidade dos talentos femininos. As colaborações em sua maioria são assinadas, em alguns casos foram identificados pseudônimos usados pelos autores e autoras, e também há casos de utilização das letras iniciais do nome e sobrenome.

As páginas de Renovação também serviam para divulgar os manifestos, as atividades, e os boletins da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e da União Universitária Feminina (UUF). O exemplar da Revista mais extenso foi dedicado ao 2º Congresso Feminista, realizado no Rio de Janeiro em 1931 (Ano I. n.12, 15 de junho de 1931). As fotos, o programa do evento, e as principais teses discutidas ganharam destaque nas páginas da Revista. Assim, apesar de não poder ser caracterizada como uma publicação feminista, mantém seções regulares que informam e mobilizam sobre as lutas/conquistas das mulheres no cenário local e nacional.

O último ciclo da Revista (do número 33-39, publicados em 1934) apresenta maior espaço para seções específicas da imprensa periódica feminina, como por exemplo: uma seção de correspondência, onde as leitoras solicitam e recebem conselhos sobre casamento, organização da casa e temas de caráter sentimental; uma seção denominada: “A arte de ser mulher” onde são tratadas questões de economia doméstica, e são divulgadas receitas culinárias enviadas pelas leitoras. Nesta última seção é lançado também o “Concurso de arte e economia doméstica”, onde as concorrentes deveriam preencher um cupom (data, assinatura e pseudônimo) e enviar para a redação da publicação respondendo a questão: “Como sonha o seu futuro lar?” (Ano III, fevereiro, 1934, n.33, p.13).

Apesar de não poder ser caracterizada de forma ampla como uma revista feminina ou mesmo feminista, a seleção das colaborações efetuada pela Diretora e pela Secretária é rigorosa no tocante as representações veiculadas nas páginas de Renovação, uma pequena nota registra a recusa de um texto, de um escritor e explica: “*a outra produção enviada por P. W. para a Revista não será publicada por ele ter sido irreverente com a mulher (...)* Renovação nasceu da mulher, para a mulher e pela mulher.” (Ano III, maio de 1934, n.36 p.13).

As propostas de educação feminina são veiculadas na Revista Renovação através de diversas formas, mas principalmente: nos editoriais; nos textos relacionados às lutas e

conquistas Federação Brasileira pelo Progresso Feminino³ (fundada por Bertha Lutz, em 1922) e União Universitária Feminina⁴ (fundada em 1932, por Carmem Portinho); em seções específicas como a “Arte de ser mulher” e “Pela Assistência Cristã Feminina” (estas duas seções só estão presentes no último ciclo da Revista, no ano de 1934); nas correspondências; nos textos literários, principalmente nos contos e poesias.

Estas propostas se diferenciam durante as fases da revista, nos primeiros anos (1931-1932) a defesa do direito feminino ao ensino público, e do acesso ao ensino superior aparecem constantemente. A vinculação entre escolaridade feminina e exercício de uma profissão liberal também é marcante. Além disso na maioria dos textos, encontra-se que a emancipação feminina através da escolarização e do exercício de uma profissão deve ser pensado como uma conquista da Revolução (Revolução de 30) e uma demonstração de patriotismo.

Um outra estratégia verificada nas páginas da Revista é apresentar mulheres que se realizaram no exercício de uma profissão e são mães exemplares, esposas dedicadas, principalmente nos dois primeiros anos da Revista, advogadas, médicas, aviadoras, cientistas e professoras são ressaltadas como exemplos a serem seguidos. Alguns textos, apresentam as conquistas das mulheres nos Estados Unidos e na Europa, no tocante ao acesso ao ensino superior e a cargos públicos de prestígio, como um estímulo para as mulheres brasileiras.

As viagens de algumas mulheres ligadas à União Universitária Feminina e à Federação pelo Progresso Feminino também são registradas. Em muitos casos, existe um “chamamento” explícito para que as mulheres se associem a estas organizações, pois a expectativa é que com o “congraçamento” de todas elas, é possível alcançar objetivos mais amplos e duradouros. As injustiças sofridas e as conquistas das mulheres sergipanas entre outras, dentro e fora do Estado, são visibilizadas através de matérias específicas ou notas.

A preparação para o exercício dos papéis tradicionais no lar, vinculada à educação doméstica, ao cuidado com os filhos, à culinária, se constitui em uma seção específica no terceiro ano da Revista Renovação, em uma seção denominada a “Arte de ser mulher”. A valorização do papel da mulher no espaço restrito do lar, como filha, mãe ou esposa, é

³ Consultar SCHUMAHER (2000: 106-112 e 217-226) e SOHIET (1997:99-124)

⁴ Consultar PORTINHO (1999: 40-69) e SCHUMAHER (2000: 135-137)

constante neste período, rompendo com uma perspectiva mais combativa e crítica anteriormente presente nos editoriais e matérias que tratavam de temas feministas.

Nos textos literários – contos, crônicas, poesias – a mulher é vista sob o ponto de vista romântico na maioria das vezes, apesar de que em alguns textos encontram-se aspectos realistas. As desventuras amorosas, as ilusões-frustrações das noivas (principalmente as recém-casadas), o amor (platônico, proibido, não correspondido), o sofrimento com a perda de entes queridos e o abandono pelo amado são freqüentes. Em geral as personagens são vítimas de sua ingenuidade e ignorância, e da maldade dos homens, em raros casos elas conseguem se proteger dos sofrimentos e das desilusões do amor.

A emancipação feminina, segundo a maior parte dos textos, só poderá ser realmente conquistada através da escolarização irrestrita das mulheres, da formação para um profissão liberal, do exercício profissional garantido em todas as instâncias públicas e privadas, inclusive com a ocupação de cargos de prestígio. O exercício autônomo dos direitos civis e políticos, como o voto, a elegibilidade, e outros temas relacionados ao direito aos bens, a questão do casamento, também são apresentados como condição da emancipação feminina.

Às mulheres que tiveram acesso ao ensino superior é solicitado que não se desobriguem da luta pela escolarização de outras mulheres. A insistência de que as mulheres feministas não “sejam masculinizadas” também é freqüente. Elas não querem ser confundidas com as sufragistas da Europa⁵ nem querem ocupar os “lugares masculinos”, mas exigem cidadania, respeito e valorização.

A caridade e a solidariedade, também são ressaltadas através do registros (com matérias especiais e fotos) das festas benéficas e das causas a serem defendidas publicamente, entre elas, a educação infantil, a responsabilidade do Estado com os orfãos, com as viúvas e desamparadas; a “regeneração das decaídas” (prostitutas) e a ação “educativa-preventiva” das jovens sem recursos.

⁵ As sufragistas europeias em especial as inglesas eram muito criticadas na imprensa brasileira, mesmo na imprensa periódica feminista, provavelmente tendo em vista os seus métodos e estratégias em defesa do direito ao voto feminino. Em 1903, Emmeline Pankhurst lança o movimento das sufragistas, criando na Inglaterra a “Associação Política e Social das Mulheres”. Através da Associação, as sufragistas se organizaram, tomaram as ruas, invadiram seções eleitorais, quebraram urnas, depredaram vitrines. No primeiro confronto, em 1903, mais de cem mulheres foram presas e declararam greve de fome. (Exposição Século XX- Mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Museu da República, maio de 2001.)

As artistas, principalmente pianistas, declamadoras e poetisas aparecem ressaltadas nas páginas da *Renovação*. As alunas da Escola Normal estão também presentes, os discursos de formatura, e as colaborações escritas, muitas vezes frutos de concursos literários promovidos pelo Professor de Literatura, Dr. Passos Cabral (intenso colaborador da *Revista Renovação*) são publicadas constantemente.

Tendo em vista a diversidade de estilos dos textos veiculados na *Revista Renovação* que tratam da educação feminina, optou-se por analisar de forma mais específica os editoriais, que na sua maioria são assinados por Maria Rita Soares de Andrade. Salienta-se que este tema também é abordado frequentemente nas seções específicas vinculadas aos temas femininos, nos discursos de formatura e nas matérias jornalísticas específicas em defesa da escolarização e profissionalização das mulheres. As notas sociais (aniversários, casamentos, festas em homenagens as feministas, os registros das viagens de sergipanas ilustres- em geral estas viagens são para realização de cursos de aperfeiçoamentos, ou participação em eventos nacionais e internacionais), as correspondências e os textos literários, também trazem representações acerca da “mulher educada” e serão analisados oportunamente.

Os Editoriais da *Revista Renovação* e a de Educação feminina

O primeiro editorial intitulado “Apresentando” (n.1, 1931) de autoria de Maria Rita Soares de Andrade procura elencar os objetivos da *Revista Renovação* e de certa forma, retrata aspectos da condição feminina no início da década de 30 em Sergipe, a preocupação com a instrução do povo e com a possibilidade de oferecer espaço para os talentos locais é explicitada pela autora: “*Ha, porém, grande parte da intelligencia moça, que se atrophia, incognita, nos nossos estreitos limites; que tem surtos de evolução e progresso mas que se retrae e esconde, com o pudor, talvez de aparecer. Entre os homens isto, ás vezes, se dá; entre as mulheres é a regra geral (...) ninguem escreve, ninguem lê, principalmente a mulher, ou se lê, si escreve, è ás esconsas para que não se saiba, afim de evitar o ridículo.*” (n.1, 1931:p.1)

Os objetivos da *Revista* são explicitados em consonância com as mudanças no cenário nacional: “...*neste momento em que tudo no Brasil se renova, em que tudo se organiza...*” pensamos “*em dar ao nosso pequenino Estado ensejo de sair desse ambiente estreito e retrógrado; em educar o povo para o culto ao talento e ao trabalho; em instruir*

o povo no incentivo aos surtos de inteligência, às revelações de capacidade, em convencer o povo que escrever si é a mais bela das artes e, ainda, a mais agradável e útil das distrações; de que a leitura enleia ao leitor e muito mais a quem se sabe lido por um grande público.” (n.1, 1931: p.1). A campanha que a autora pretende empreender através da criação da Revista é segundo ela uma campanha cívica, “congraçando as intelligencias dispersas, pudessemos iniciar a nossa campanha, que enfim, é de educação cívica, pois não ha civismo sem instrucção.” (n.1, 1931:p.1) A Revista se propõe ainda a ser “o celeiro das inteligências ávidas de elevação” e “ser o vanguardaíro das causas nobres, do progresso e da grandeza de Sergipe e do Brasil” . (n.1, 1931:p.1)

No segundo editorial, também assinado por Maria Rita, “A Revolução e o Feminismo” (n.2,1931) as críticas em relação a ausência da participação feminina no Governo, nos tribunais e nos cargos públicos de maior relevância ocupam um grande espaço neste editorial. A autora reclama ainda o acesso das mulheres ao ensino superior. Denuncia que nos Concursos públicos prevalece as “preferências masculinistas”. Cita Josephina Alvares de Azevedo, Bertha Lutz e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), como exemplos de luta pela emancipação feminina Ressalta a “Democracia sem mulheres” como característica do novo governo. Comenta a proposta do General Távora, que trata da equivalência e equiparação dos sexos. A autora encerra o texto comentando as esperanças depositadas em Getúlio Vargas, na Revolução de 30 e no espírito liberal. (n.2, 1931: p.1-2)

No editorial “ O magno problema” (n.4, 1931) a questão da educação do povo reaparece com ênfase, Maria Rita reclama os direitos da mulher na nova Constituição e insiste na necessidade de investir em educação e reeducação do povo como caminho para a reconstrução da nação. Salienta que o Ante-projeto da nova Constituição que não esqueceu a mulher apesar de lhe restringir os direitos , previstos na Constituição de 1891. Ressalta a necessidade de reforma da legislação brasileira, e o papel do Instituto dos Advogados de Sergipe na reformulação do Código Civil. Comenta a tese que apresentou em nome da FBPF no Congresso da Criança realizado em Lima- Peru, sobre os filhos ilegítimos e a legislação americana – especialmente a brasileira. Finaliza o texto destacando que o magno problema: é a questão educativa. (n.4, 1931:p.1 e 5)

Maria Rita Soares de Andrade, no editorial “O exemplo” (n.5, 1931), reflete sobre a sua própria experiência de escolarização vivida em uma escola interna em Salvador, onde a relação e educação e trabalho era a base da formação. Retoma a necessidade de um bom exemplo não só nas questões privadas – como a educação doméstica – mas também nas questões públicas – que envolvem a ação governamental. Segundo a autora o exemplo é o melhor fator de educação, tanto no tocante à praticar o bem como o mal. Salienta o contágio do exemplo e a educação familiar com responsável na formação dos valores. Registra novamente a importância do Estado na educação do povo. Termina o texto se manifestando contra as vinganças e mesquinharias presentes no serviço público. Alerta aos governantes sobre o exemplo dado ao povo. (n.5, 1931:p.1)

No editorial “O voto feminino” (n.6, 1931), Maria Rita retoma posições já presentes em outros editoriais citados, em relação à participação feminina na administração local e em cargos públicos de relevância, cita o Rio de Janeiro que conta com esta demonstração de evolução. Analisa a questão do voto feminino e das qualidades das mulheres que exercem papéis importantes restritos ao ambiente doméstico. Trata da possibilidade que a nova Constituição garanta o voto feminino. Comenta o trabalho/luta desenvolvida pela FBPF e pela União Universitária Feminina (UUF), citando suas presidentes, respectivamente Bertha Lutz e Carmem Portinho. Comenta a recepção em Anápolis (Simão Dias) do Interventor de Sergipe e da promessa dele em cumprir os ideais revolucionários e não fazer distinção de sexos. Ressalta a cidadania feminina e o direito de eleger e ser eleita. Comenta a necessidade de definição de novos critérios de participação política e de indicação para os cargos públicos para garantir a participação feminina. Para a autora, a “vocação feminina” pode ser exercida nas áreas: da política, da diplomacia e na administração, para além do espaço restrito do lar. Questiona a ausência feminina na administração sergipana apesar do Interventor se declarar feminista. (n.6, 1931:p.1)

A educação infantil é o tema central do editorial , “Um sonho em Realização” (n.8, 1931) que é assinado por A.S.A. (provavelmente Amália Soares de Andrade – secretária da Revista a partir deste número, e prima de Maria Rita). Ressalta a importância da educação infantil. Comenta a necessidade de criação de um “Jardim de Infância” em Aracaju, e o trabalho realizado por algumas conterrâneas para este fim. (n.8, 1931:p.1)

Maria Rita, em “Saias X calças” (n.9, 1931), comenta sobre o movimento feminista e como ele tem se espalhado pelos Estados a partir do Rio de Janeiro. Ressalta a atividade de Maria Luiza Bittencourt⁶ (na Bahia) e Bertha Lutz (FBPF) e Carmem Portinho (UUF). Cita Tobias Barreto e o papel desempenhado pelas mães de famílias exemplares, esposas amantíssimas e filhas dedicadas. Ressalta o preconceito da sociedade contra a mulher culta e defensora dos seus direitos. Defende a mulher feminista e feminina. Segundo a autora, a tentativa de vencer as adversidades na carreira e na vida não significa querer ser homem. Termina o texto afirmando que não pretende deixar de usar saias mesmo que sejam furtadas pelos homens poderosos. (n.9, 1931:p.1)

No editorial, “Crime de lesa-pátria” (n.10,1931), Maria Rita, denuncia a situação de descaso no tocante a educação brasileira. Comenta que a Revolução foi realizada com a participação dos analfabetos. Reclama a educação para o povo, homens e mulheres. Ressalta que a promessa dos revolucionários não está sendo cumprida por conta das lutas partidárias. (n.10, 1931:p.1)

Em “Feminismo e coração” (n.11,1931), da autoria de Maria Rita, a ausência da instrução feminina é apontada como uma das causas da infelicidade das mulheres no casamento. A autora denuncia os Preconceitos e os estereótipos construídos contra as feministas, segundo ela: “os que são amigos e que compreendem a luta e a mulher inteligente e culta, útil a pátria e a família são raros.” A autora afirma que é feminista por patriotismo e celibatária em legitima defesa. Nas infelicidades domésticas, Maria Rita, ressalta a falta de instrução da mulher e aceita o divórcio como paliativo moral. Cita mulheres feministas, exemplo de profissionais, e esposas dedicadas, mães extremosas, como a Dra Práguer Góes⁷; a poetisa e escritora Anna Amélia de Queiroz Carneiro (secretária da FBPF); Maria Eugenia Celso⁸ (vice-presidente da FBPF); e Eugenia de Guerin. (n.11,1931:p.1)

⁶ Segundo SCHUMAHER (2000: 403) Maria Luiza Bittencourt nasceu em Salvador na Bahia em 1910, foi a primeira deputada estadual da Bahia. Formou-se em Direito na Universidade do Rio de Janeiro em 1931, participou da FBPF e da UUF, assumindo cargos relevantes nestas associações.

⁷ Consultar SCHUMAHER (2000: 245-246) Dra. Francisca Práguer Fróes (1872-1931), foi médica e feminista e poetisa. Nasceu em Cachoeira na Bahia, e faleceu no Rio de Janeiro. Foi uma das primeiras médicas a se formar no Brasil, concluindo seu curso em 1893, na Faculdade de Medicina da Bahia, publicou vários trabalhos científicos relacionados com a medicina.

⁸ Consultar SCHUMAHER (2000: 389) Maria Eugênia Celso escritora e poetisa, nasceu em Minas Gerais em 1886. Publicou diversos livros e atuou de forma intensa na FBPF.

Apesar de não constar a autoria deste editorial ele poderia ser atribuído a Maria Rita ou mesmo a Amália Soares de Andrade, intitulado “ O 2º Congresso Feminista” (n.12, 1931) e possui a foto da editora da Revista no centro da página. O tema central é a instalação do 2º Congresso Feminista no Rio de Janeiro, no dia 19 de junho de 1931 e da nomeação pelos interventores de feministas e representantes de cada estado. O(a) autor(a) cita as delegadas baianas nomeadas através do Diário Oficial da Bahia: a Dra Hermelinda Paes e a escritora Edith Mendes de Gama e Abreu. E a nomeação de Maria Rita (“*fomos a escolhida*”) para representar Sergipe, definida pelo Interventor. Ela apresenta a relação de trabalhos que serão defendidos no Congresso, que tratam do tema da Educação, e vários pontos para a reforma na legislação brasileira no tocante ao Direito Civil e Penal. Agradece e elogia o interventor e diz que espera representar Sergipe e as feministas com esforço, trabalho e atividade.(n.12, 1931:p.1 e 17)

No primeiro editorial do segundo ano da Revista, Maria Rita, retoma os objetivos da Revista e as dificuldades de mantê-la, o editorial intitula-se “Hoje...” (n.22, 1932). Trata da criação divina do homem e da mulher e do aniversário da Revista Renovação. Comenta a realização do sonho de “*dar vida a uma revista que fosse o centro de convergência dos espíritos ávidos de cultura e encantamento, pelo mesmo ideal de perfeição*” que animou a autora. Maria Rita registra os sacrifícios para a manutenção da revista, “*que se mantém sem abrigo e sem fundo de reserva, mas também sem credores.*” A revista, segundo a autora, vive a permanente inquietação que comunica o espírito insatisfeito e irrequieto de sua diretora. (n.22, 1932:p.1)

Intitulado “Feminismo”(n.23, 1932) o editorial seguinte, consta como epígrafe “Para Lord Gil”. Maria Rita ressalta as últimas notícias sobre a lei eleitoral, que não fará seleção de sexos. Defende a igualdade entre homens e mulheres nas questões públicas. Segundo a autora, o estereótipo da incapacidade mental da mulher é um erro tão comum de educação quanto a infidelidade natural do homem. Para Maria Rita, “*a sociedade tornou a mulher inútil e o homem viciado*”. Comenta sobre a luta da mulher pela educação e instrução, segundo a autora, a mulher não aceita mais o papel de rainha do lar. Salienta os sacrifícios das feministas, muitas vezes chegando ao martírio. A feminista segundo a autora, “*possui coração mas deve amordaçá-lo em defesa própria*”. Retoma a questão do voto feminino e comenta sobre uma reunião que participou no Rio de Janeiro ao lado de

Carmem Portinho e Maria Luiza. Foi questionada em quem votaria em um banquete, e disse que espera que “*as mulheres votem com o coração já que, os homens votam com a pança.*” (n.23, 1932:p.1)

Intitulado “A mulher e a Constituinte” (n.26, 1932) o último editorial no qual o tema da educação e da participação feminina na sociedade aparece de forma mais específica, de autoria de Maria Rita. Trata de uma entrevista concedida pelo Major Juarez Távora à Maria Ritta, onde ele discorre sobre a Constituinte, e a necessidade da participação feminina no processo de elaboração da nova Constituição. Segundo o Major era preciso constituir uma missão de técnicos que preparassem um ante-projeto, que levasse em conta as necessidades de cada região do país, resolvesse a reforma tributária, e as questões financeiras. A autora afirma que o entrevistado é feminista. Maria Rita afirma que *a mulher aceita como um dever, o direito a cidadania.* (n.26, 1932: p.1)

Os editoriais do terceiro ano – correspondente ao ano de 1934, pois em 1933 não foi publicado nenhum número - de publicação da Revista, são todos assinados por Maria Rita e se diferenciam totalmente dos textos anteriores. São intitulados por nomes de flores: “As hortências” (n.33, 1934), “Os miosótis” (n.34, 1934), “As margaridas” (n.35, 1934), “Os lírios” (n.36, 1934), “As angélicas” (n.37, 1934) e “Os meus cravos” (n.39, 1934) tratam de temas bucólicos e românticos, perdem o teor de denúncia, indignação e reivindicação dos editoriais anteriores.

Considerações finais

Os editoriais da Revista Renovação apresentam alguns temas recorrentes no tocante à educação feminina, entre eles:

- a) a educação como dever do Estado e como princípio da Revolução (Revolução de 30);
- b) A necessidade da escolarização feminina em todos os níveis e graus, a insistência no acesso ao ensino superior;
- c) A exigência da participação feminina em cargos públicos de relevância na administração pública;
- d) A garantia do pleno exercício dos direitos civis e políticos das mulheres, ênfase no voto feminino e na elegibilidade;
- e) As mulheres que lutaram e lutam pelos direitos femininos, como exemplo a serem seguidos, já que associam o exercício de uma profissão liberal aos papéis tradicionais de esposas dedicadas e mães exemplares – ênfase para as mulheres ligadas à Federação

Brasileira pelo o Progresso Feminino (presidida por Bertha Lutz) e para a União Universitária Feminina (presidida por Carmem Portinho).

A partir destes temas elencados, algumas questões se colocam, entre elas: qual seria o público alvo que a Revista Renovação pretendia atingir? Quais são as mulheres que a Revista exortava e indicava caminhos e possibilidades no tocante a educação?

Infelizmente não temos dados mais específicos sobre a caracterização do público alvo da Revista, nem sobre a tiragem da mesma, o que se pode inferir tendo em vista que ela era mantida através de assinaturas e das verbas arrecadadas junto aos anunciantes que ocupavam espaços de publicidade nas páginas da Revista (em média 6 páginas eram inteiras de anúncios, considerando a capa e contra-capa, fora os pequenos anúncios entre as seções – cada número da Renovação tinha em média 22 páginas.), e que entre as publicações periódicas culturais sergipanas, editadas nas primeiras décadas do século XX⁹, foi a que teve maior tempo de duração e regularidade, é que ela tinha um público leitor e que de certa maneira, atendia as expectativas dos seus leitores.

Em relação ao segundo questionamento, pode-se perceber que as propostas veiculadas pela Revista Renovação se destinavam a mulheres de classe média e média alta, que moravam nas cidades, em especial em Aracaju; que ainda estavam, de certa maneira restritas ao ambiente doméstico, se arriscavam em “colaborações” literárias, exerciam atividades de benemerência, entre outras. Freqüentavam o cinema, participavam dos recitais promovidos pela Academia Sergipana de Letras, pela Escola Normal e pela própria Renovação. Em casos extremos, se exerciam algum tipo de profissão, eram aquelas relacionadas com a “extensão das atividades realizadas no lar”, que envolvem o cuidado, a atenção e a educação. Estas mulheres teriam condições econômicas de realizarem cursos superiores (aspecto que envolvia a necessidade de mudança do Estado, pois os cursos superiores em Sergipe só surgem na década de 40); de participarem de eventos no Rio de Janeiro e em outros países; de se organizarem em torno das lutas

⁹ Foram localizados no acervo de periódicos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, 7 números da Revista Helio abrangendo o período de 1929-1920, publicada em Aracaju. Dirigido por A. Simões dos Reis e Milton de Assis, sob o patrocínio do Presidente do Estado, segundo as informações encontradas no periódico, era um “mensario artístico, litterário, científico, philosophico e social”. Contava com a presença de vários literatos sergipanos, mas não possuía nenhuma colaboração feminina. Foram localizados no Acervo do Instituto Cultural Tobias Barreto, 2 números do Almanack de Sergipe, publicados em 1927 e 1928, sob a direção de Clodomir Silva pela Gráfica Gutemberg, contava com a presença de literatos e literatas sergipanas, era uma publicação anual, literária, comercial, industrial e informativa.

defendidas nas páginas da Revista, principalmente quanto ao voto feminino e a elegibilidade, de exercerem uma profissão liberal.

As jovens sergipanas que trabalhavam nas indústrias têxteis, e em outras indústrias, aquelas que atuavam no comércio, na prestação de serviços, nos trabalhos domésticos, que tinham a escolaridade restrita ao ensino primário, ou em casos raros possuíam o diploma de normalista, as que eram arrimo de família, aquelas que estavam na zona rural ou em pequenas cidades do interior do Estado, não apareciam nas páginas de Renovação, nem mesmo podem ser visibilizadas como público alvo das propostas veiculadas no tocante a educação feminina.

Neste sentido, a crítica realizada por RAGO (1997: 591) referente aos discursos feministas liberais, veiculados na imprensa periódica deste período, é procedente em relação a Revista Renovação, segundo a autora, “afetava muito pouco o conceito que elas próprias tinham das operárias e das demais trabalhadoras pobres.” Em muitos casos, mesmo defendendo propostas de filantropia no tocante a educação feminina das jovens pobres, como no caso de Renovação através da “Assistência Cristã Feminina”¹⁰, não eram elas o alvo principal das suas ações em defesa da escolarização e profissionalização feminina.

Contrariando a posição de médicos, higienistas, juristas e os alguns intelectuais que viam no trabalho feminino fora do lar a causa da desagregação da família e a decadência moral da mulher, desde o início da Primeira República, as feministas liberais pregavam os benefícios da profissionalização feminina. No entanto, como aponta RAGO (1997), este discurso liberalizante considerava sobretudo: “as dificuldades que as mulheres de mais alta condição social enfrentavam para ingressarem no mundo do trabalho controlado pelos homens,” para além da conquista do diploma de curso superior elas “tinham muitos obstáculos a superar para se firmarem profissionalmente” (1997:590). Por isso defendiam em seus periódicos, a educação feminina para atingir ao ideal da: “mulher profissionalmente ativa e politicamente participante, comprometida com os problemas da

¹⁰ A intenção de Maria Rita através desta Associação era a regeneração das prostitutas e educação-preventiva das jovens pobres que necessitavam lutar pela sobrevivência, a primeira realização foi a criação de um curso prático feminino, que contou com a participação de grandes nomes do magistério feminino sergipano e tinha como matérias: Português, Francês, Inglês, Alemão, Aritmética, Geografia, Datilografia, Taquigrafia, Escritação Mercantil, Educação Moral, Economia Doméstica e Arte Culinária. (Renovação, n.39, 1934: p.12)

pátria, que debatia questões nacionais, certamente teria melhores condições de desenvolver seu lado materno.” (RAGO, 1997:590). Este ideal era assumido por Maria Rita Soares de Andrade, e outras profissionais liberais, e está expresso nos diversos editoriais analisados.

Analisando a imprensa periódica feminina e pedagógica das primeiras décadas do século XX, ALMEIDA (1998) indica como serviram para divulgar idéias e costumes no país. Abordando o papel dos jornais e revistas femininas, ALMEIDA afirma que:

“permitiram a emergência de um universo literário feminino que, por sua vez, permitiu uma maior visibilidade das mulheres. As reivindicações surgiram e possibilitaram a abertura de uma discussão que, transpondendo as fronteiras do lar, alcançou o espaço público e mostrou que o sexo subordinado e até então confinado à domesticidade passava a exigir direitos e maior liberdade(...).” (1998:33)

Mesmo não podendo caracterizar a Revista Renovação como um periódico exclusivamente feminista ou feminino, como já foi abordado anteriormente, sem dúvida se aproxima a estes nos editoriais e em seções específicas. Esta publicação sergipana permitiu visibilidade: aos talentos literários sergipanos – promovendo autores e autoras; e também ao processo de luta/conquista de direitos políticos e civis das mulheres no Brasil.

As representações acerca da educação feminina veiculadas nas páginas de Renovação, apresentaram em um primeiro momento propostas emancipatórias, e no final do ciclo de vida da publicação a atuação feminina no espaço doméstico é reforçada com seções específicas, apesar desta alteração aparentemente expressar uma contradição da linha editorial do periódico, está plenamente de acordo com o feminismo do período. Como ressalta SOHIET (1996): “*aquele feminismo não questionou as implicações de se atribuir à mulher a responsabilidade total pelas atividades domésticas e pela socialização dos filhos. A conquista dos novos direitos de participação na esfera pública não implicaram numa reformulação no âmbito das obrigações familiares entre os dois gêneros. Continuava-se, portanto, a considerar o espaço doméstico como inerente à mulher (...).*” (1996: 116)

Assim, por tudo que foi exposto, entende-se que o estudo da Revista Renovação, e das propostas e representações por ela veiculadas acerca da educação feminina, é

significativo para compreender os movimentos locais e nacionais no tocante ao tema, e para estabelecer pistas mais seguras para outros estudos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.79. n.191., jan./abr., 1998. pp.31-41.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e Políticas: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar. (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1998. pp. 159-182.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**. Aracaju: s.n.t., 1994.

PORTINHO, Carmem. **Por toda minha vida**: depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997. pp. 578-606.

REVISTA RENOVAÇÃO. (n.1 – n.39) Aracaju: Casa Ávila Editora, 1931-1934.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. In: **Acervo**, Revista do Arquivo Nacional. V.9, n.1-2 (jan./dez., 1996) Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997. pp. 99-124.

VALLE, Lílian do. **A escola e a nação**. As origens do projeto pedagógico brasileiro. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1997.